

PARA ALÉM DO VERBAL: A IMPORTÂNCIA DA IMAGEM NOS PROCESSOS COMUNICACIONAIS

BEYOND THE VERBAL: THE IMPORTANCE OF IMAGE IN COMMUNICATION PROCESS

Karine do Prado Ferreira Gomes Vianna¹
Ana Rita Vidica²

Resumo

O presente texto objetiva indicar a importância da ampliação do conceito de imagem para uma melhor abrangência do que é a Comunicação. Por meio de revisão bibliográfica, dividimos o presente artigo em três partes. Na primeira, contextualizamos os principais problemas do Campo da Comunicação e a necessidade do desentranhamento do comunicacional, conforme proposto por Braga. Na segunda, com base em exemplos elucidados por Byung-Chul Han e pelo próprio Braga, demonstramos que a comunicação não se ancora somente no verbal, no material ou em algum meio específico, e que isolar algum elemento desse circuito representa um empobrecimento epistemológico. Por fim, na terceira parte, exploramos as contribuições de Samain para a construção de uma epistemologia da Comunicação que dê relevo à imagem no processo comunicacional. Concluímos que esta perspectiva conceitual sobre a imagem pode ampliar e auxiliar a apreensão do específico comunicacional.

Palavras-chave: Comunicação. Imagem. Epistemologia. Verbal. Visual.

Abstract

This text aims to highlight the importance of broadening of the concept of image to achieve a better understanding of what Communication entails. Based on a bibliographic review, we

¹Pós-doutoranda em Comunicação na Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação (UFG). Membro do Núcleo de Pesquisa em Teoria da Imagem (NPTI/UFG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0570295442449676>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1238-9995>, e-mail: karinedoprado@hotmail.com.

²Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás. Doutora sanduíche na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS-Paris/PDSE-CAPES). Docente Universidade Federal de Goiás. É vice coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Teoria da Imagem (NPTI) e participa grupo de pesquisa TRAMA (UERJ). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9011537191118959>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6253-4428>, e-mail: ana_rita_vidica@ufg.br.

divided this article into three parts. In the first, we contextualize the main issues of the Field of Communication and the need to unravel Braga's communication proposal. The second part, through two examples elucidated by Byung-Chul Han and Braga, will demonstrate that communication is not only anchored in the verbal, in the material or any specific medium, and that isolating any single element of this circuit constitutes an epistemological impoverishment. Finally, in the third part, we explore Samain's contributions to constructing an epistemology of Communication that emphasizes the image in the communication process. We conclude that this conceptual perspective on the image can enrich and enhance the understanding of what is specific to communication.

Keywords: Communication. Image. Epistemology. Verbal. Visual.

1 DOS PROBLEMAS DE UM CAMPO³ E A NECESSIDADE DO DESENTRANHAMENTO DO COMUNICACIONAL

“É impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo”, como afirma Pierre Lèvy (1999, p. 22). Devido a um pendor positivista, separa-se o que é inseparável para transformá-lo em uma questão pertinente e relevante. Captura-se um objeto em trânsito em constante movimento, disseca-se em partes e, em seguida, pergunta-se qual a relação entre elas. Para exemplificar esta problemática a cerca desta forma de se fazer ciência, Rubem Alves (1981) propõe a imagem de um pianista que se especializa na execução de uma única técnica ou foca exclusivamente uma nota: certamente este pianista não fará uma sinfonia. Isso porque:

A ciência não é um órgão novo de conhecimento. A ciência é a hipertrofia de capacidades que todos têm. Isto pode ser bom, mas pode ser muito perigoso. Quanto maior a visão em profundidade, menor a visão em extensão. A tendência da especialização é conhecer cada vez mais de cada vez menos. (Alves, 1981, p. 9).

Tanto na ciência de maneira geral, quanto no campo da Comunicação, percebemos que há perdas significativas causadas pelo intento epistemológico da separação. A ideia de comunicação, desenvolvida após a Segunda Guerra Mundial pelos estudiosos das mais diversas áreas, nasceu subordinada à lógica produtiva e industrial, até porque foi desenvolvida nesse contexto, principalmente dentro da lógica pragmática nos Estados Unidos.

³ Aqui precisamos sinalizar que assim como Signates (2015) utilizamos o termo “Campo” como proposto por Bourdieu. Para o autor, campo representa um espaço simbólico em que lutas dos agentes determinam e legitimam as representações. É o lugar do poder simbólico.

Quando reduzimos o estudo da comunicação a um elemento da teoria da informação, como nos modelos “canônicos” de Lasswell ou Shannon, assemelhamo-nos à imagem do pianista de Rubem Alves: quebrando o objeto e nos especificando em uma parte do seu processo, ou seja, desassociando coisas indissociáveis. Ratificando a importância de elevar o episódio comunicacional ao não mero ferramental, Ciro Marcondes Filho (2013) sintetiza que o conceito de comunicação deve ultrapassar a visão simplificada de mediação e transmissão:

Comunicação não tem nada a ver com transmissão, transferência, transporte, trânsito, repasse ou similares, pois todas essas definições supõem a ideia de algo vai de uma pessoa a outra, como um livro que eu te dou, um órgão que eu doo ao outro, o sangue que é transfundido ao outro. Não existe essa materialidade, porque o que sai de mim, como fala, expressão, obra, música, toque, chega ao outro como coisa diversa, que eu jamais poderei saber o que é. Comunicação precisa da cena que nos envolve quando dialogamos com o outro e que permite o aparecimento dessa coisa inusitada, que é nossa transformação. Ela é uma abstração, resultado de nossa própria interação com o outro, com os outros, com uma obra. (Marcondes Filho, 2013, p. 30).

Portanto, já deveríamos ter ultrapassado a concepção da comunicação como simples transmissão de A para B. A comunicação pertence ao campo do abstrato, não está reduzida aos meios materiais, ainda que muitas vezes se realize por meio deles. Como veremos em Braga (2011) mais adiante, é necessário um *dispositivo interacional* para que ocorra.

Nesse sentido, podemos concluir que o paradigma simplificador e analítico, derivado do positivismo, revela-se insuficiente para o estudo de todos os processos comunicacionais e interacionais pois trabalha unidades isoladas e modelos unidirecionais. A comunicação, especialmente à luz da cibernética, mostra-se permeada e constituída de processos incontrolláveis e não lineares. Ela emerge de um *sistema complexo*, no qual o todo é maior que a soma das partes. Pode ocorrer de emergir propriedades que não estão em nenhum de seus componentes. Essas propriedades nascem das interações densas e fortes entre as partes e geram características segundas, coletivas e até globais. Como sintetiza Halévy (2010, p. 44): “Em resumo, em um sistema complexo, o todo é igual à soma das partes mais o conjunto dos processos de interações combinatórias entre essas partes.”

Tendo em vista o cenário posto, nos deparamos com o primeiro grande problema do campo da Comunicação: a *indefinição de seu objeto*. Enquanto alguns a consideram um campo interdisciplinar, sem objeto definido, outros a reconhecem como uma prática social. Essa pluralidade leva a questionar a existência de um “local próprio” à comunicação. O segundo ponto, decorrente do primeiro, é seu *problema epistemológico*: não há contornos claros sobre o que é comunicação e sobre o que seria o especificamente comunicacional.

A indefinição do objeto e a ideia de um campo de estudos interdisciplinar reforçam o caráter híbrido e, por vezes, fragmentado da área, o que acarreta um *problema doutrinário*. Exemplo disso é a completa indefinição do que é uma Teoria da Comunicação, ou quais teorias devem fazer parte do currículo desta disciplina. Na prática, nossas teorias são recortes de teorias de outros campos. A “Teoria Crítica da Comunicação”, por exemplo, deriva da Escola de Frankfurt cujo objetivo original era compreender a relação da teoria, cultura e sociedade, e não propriamente a comunicação como objeto autônomo. Diante disso, cabe questionar: onde estão as teorias que tratam a Comunicação como central na sociedade ou tendo como base a noção de comunicação? É possível um campo sobreviver nos intermezzos teóricos exógenos, sem um corpo conceitual próprio?

Martino (2008) demonstra que o campo da Comunicação só foi regulamentado no Brasil em 1969. Contudo, o primeiro livro de teorias da Comunicação foi lançado em 1997, ou seja, já havia um campo formado sem ao menos ter teorias e epistemologias que o moldassem e fundamentassem. Houve, claramente, um corpo cuja alma foi e está sendo colocada *a posteriori*. “Desprovido das fronteiras da tradição que por vezes funcionam como garantia de legitimidade, o campo da comunicação é alvo constante de dúvidas sobre a necessidade de sua existência – a infundável querela sobre a necessidade do diploma para as habilitações é uma de suas faces visíveis” (Martino, 2008, p. 114). Temerosos, profissionais e cientistas da área ficam sob este constante risco e tentam se deslocar como podem, mesmo dada a fragilidade que sustenta seus pés. Porém, à revelia dos problemas elencados, estamos avançando.

Para superar tal *exogenia do campo*, Signates (2015, p. 144) propõe que este empreendimento só será possível “quando a noção de comunicação for o direcionador do pensamento a respeito dos processos tidos como comunicacionais”. Isto é, para que muitos dos problemas aqui elencados, sejam superados, faz-se primordialmente necessária a especificidade da comunicação. Alguém poderia perguntar qual a relevância de se estudar o que é específico da Comunicação. Ora, “Ao tornar-se uma condição central para a vida, em seus variados aspectos, a comunicação exige seu lugar de objeto científico prioritário” (Signates, 2015, p. 145).

Em consonância com esse esforço, José Luiz Braga (2016) não defende que se deva excluir o uso de teorias advindas de outras áreas no estudo da comunicação; isso na verdade confere até a densidade necessária ao campo. “Porém, devemos trabalhar as teorizações

oferecidas pelas demais ciências humanas e sociais em perspectivas que as aproximem da comunicação” (Braga, 2016, p. 18).

Para Braga (2016, p. 18), o problema não é a ausência de pensadores que reflitam sobre a perspectiva epistemológica, mas sim a falta de articulação e tensionamento entre suas pesquisas. “O que nós temos como insuficiência, no espaço de conhecimento comunicacional não corresponde a uma escassez de perspectivas – há propostas excelentes dentro da área, sendo a insuficiência de articulação.”

A fim de resolver essa questão, além de reuniões com epistemólogos, é necessário pensar em nível tático. De acordo com o autor, temos a obrigação de encontrar o que ainda não é respondido, nem sequer perguntado, pelas outras áreas do conhecimento, pois “trabalhando no nível tático podemos gerar as perguntas que essas outras áreas não farão; e que terão maior probabilidade de serem perguntas propriamente comunicacionais” (Braga, 2016, p.18). Para promover o requerido *desentranhamento* da comunicação, ou do que há de especificamente comunicacional, Yamamoto (2013, p. 102), após ler a ampla obra de Braga, propõe as seguintes ações: 1) Lidar com as questões processuais que, por exigência epistemológica, são marginalizadas pelas demais disciplinas; e 2) Distinguir ou especificar esses processos enquanto fenômenos comunicacionais, tanto para sua conjugação em perguntas (ou processos) mais abrangentes, quanto para a submissão à apreciação crítica ou empírica.

Dito isso, o que nos interessa no presente artigo, é elucidar algo que é tão caro para Braga: *o negligenciável*, ou seja, considerar os aspectos humanos individuais, específicos, de determinados acontecimentos que, estatisticamente, são irrelevantes, mas que fazem transparecer características nem sempre visíveis na superfície dos casos. Além disso, consideraremos o negligenciável como aquilo que não é considerado tanto pelas demais Ciências Humanas e Sociais (CHS), quanto pelo que está em curso no próprio Campo comunicacional. Dessa maneira conseguiremos desentranhar o comunicacional e fazer perguntas inéditas para o crescimento e fortalecimento do Campo.

Em particular, o caso que enfatizaremos, é de como a imagem tem sido comumente tratada, sobretudo a partir das escolhas das Teorias da Comunicação e como as imagens são vistas como braços de apoio e complementos do texto: uma mera representação sem pensar nas *transformações* provocadas (algo que também é caro para Braga). Acreditamos que

repensar e expandir os conceitos de imagem, podem enriquecer epistemologicamente o campo da Comunicação.

Ademais, entendemos que o próprio ato educacional ganhará com essa expansão de visão pois “a consequência mais danosa do verbalismo para o ensino é a “aprendizagem” de palavras vazias, ocas, sem significado” (Boni, 2014, p. 116). Tanto para a educação como um todo, quanto para o ensino da Comunicação, as imagens são essenciais uma vez que sua natureza ultrapassa a materialidade ou mesmo o visual, podendo ser perceptiva, mental, onírica, sonora etc. A imagem deve ser entendida ao mesmo tempo como “documento, objeto de sonho [Sigmund Freud], como obra e objeto de passagem [Walter Benjamin], monumento e objeto de montagem [Sergei Eisenstein], não saber [Georges Bataille] e objeto de ciência [Aby Warburg]” (Didi-Huberman, 2013, p. 14).

Demonstraremos a seguir como é importante deslocarmos nossos esforços para além do verbal. Nessa tentativa, cremos residir o que é especificamente comunicacional e, assim, evitaremos aferições já promovidas por campos exteriores ao da Comunicação. Por meio de outras vertentes não restritas à forma, a proposta epistemológica é pensar a imagem à luz de autores como Aby Warburg, Didi-Huberman (2012), Etienne Samain (2012) e Gillian Rose (2001), que a compreendem a partir da vivência, da sobrevivência, da supervivência que atravessa o tempo histórico e que se nutre de um tempo passional, pulsional, patético, humano — ou seja, anacrônico. Uma imagem como uma “forma que pensa.” Por meio dessas perspectivas sobre imagem, cremos que muito enriquecerá a epistemologia da Comunicação.

2 PARA ALÉM DO VERBAL: AS EXPERIÊNCIAS DE HANS ESPERTO E OLIVER SACKS

Em *No exame: perspectivas do digital* (2012), Byung-Chul Han relata uma história interessantíssima: a do cavalo Hans Esperto. Trata-se de um cavalo alemão que, supostamente, fazia contas. Ele respondia questões de cálculo com o casco e com a cabeça. Com um problema matemático do tipo “Três vezes Três?”, Hans batia seu casco no chão o número de vezes correspondente à resposta correta. Como isso seria possível? Eis que o filósofo e psicólogo Carl Stumpf formou um painel de 13 proeminentes cientistas (no qual também deveria estar incluído um filósofo) conhecido como *Comissão Hans*, para averiguar

as alegações de que o cavalo sabia contar. Posteriormente, comissão passou a avaliação ao psicólogo Oskar Pfungst.

O psicólogo demonstrou que, na verdade, o cavalo respondia à linguagem corporal do seu treinador: era capaz de interpretar nuances sutis na expressão de suas contrapartes humanas. A tensão dos participantes ao chegar perto da resposta também fazia Hans parar de bater os cascos, fazendo-o sempre acertar. Com essa história emblemática e bem conhecida da psicologia Han nos aponta algo importante sobre os fundamentos da Comunicação:

A parcela verbal da comunicação é muito pequena. As formas não verbais de expressão como gesticulação, expressões de rosto ou linguagem corporal constituem a comunicação humana. Elas lhe concedem a sua tutilidade [Taktilität]. Com tátil não se quer dizer o contato corporal, mas sim a pluridimensionalidade e multiplicidade de camadas da percepção humana, da qual fazem parte não apenas o visual, mas também outros sentidos. A mídia digital furta à comunicação a tutilidade e a corporeidade. (Han, 2012, p. 44).

Percebemos que o lampejo sobre o fenômeno comunicacional apontado por Byung-Chul Han ao relatar a história de Hans Esperto, nos conduz a alguns direcionamentos ontológicos já existentes e a debates acirrados sobre a comunicação. O primeiro — muito demarcado pelo pensamento de Ciro Marcondes Filho (2004, 2012), com o qual Han coaduna — sustenta que o fenômeno comunicacional é raro, podendo até ser ausente principalmente nos ambientes digitais. Segundo Ciro Marcondes Filho (2012) não se trata de estarmos comunicando mais ou melhor nesses espaços. Mas as redes sociais seriam permeadas de certas “utopias de preenchimento”, em que se imagina uma comunicação direta, espontânea e sem mediações. No entanto, as redes, lugar dos mais diversos usos, que amplificam o que há de pior nos seres humanos, não se busca um fluxo direto de mente a mente, mas sim um confronto sem mediações com a hipertelia informativa. Essa sobrecarga, por si só, já neutralizaria todas as tentativas comunicacionais.

A segunda perspectiva nos leva a crer, concordando com José Luiz Braga, que a comunicação não é rara, nem é ausente, mas é uma tentativa (Braga, 2010). Algo fundamental na ontologia da comunicação proposta por Braga, é que o fenômeno comunicacional é transformador de códigos e instituições sociais. A comunicação é um processo instituinte de instituições, responsável por suas permanências ou modificações ao longo do tempo. O fenômeno comunicacional, que tem *natureza processual*, provoca um reajuste, um redirecionamento de percepções, do imaginário e de lógicas.

O autor não propõe um conceito fechado ou definitivo de comunicação, mas promove uma articulação, fundamentalmente metodológica, sobre como e onde ela pode ocorrer. É o caso da sua proposta sobre os dispositivos interacionais. Para Braga (2011) “O episódio comunicacional, que é a comunicação concreta, se desenvolve, assim, no âmbito de “dispositivos interacionais”, produzidos nas circunstâncias históricas e acionáveis nos contextos específicos dos participantes” (Braga *apud* Signates, 2015, p. 150). Dessa forma, podemos inferir que tais dispositivos possuem uma constituição operacional que organiza um sistema comunicacional qualquer, normalmente dentro de uma institucionalidade.

É por meio destes dispositivos que os sujeitos operam suas tentativas de comunicar. Em decorrência da sua ontologia aberta, a metodologia proposta por Braga submete o fenômeno comunicacional a um olhar analítico, sem perder de vista sua natureza processual, não estruturalizável, logo, em constante mudança.

A partir disso, o autor propõe uma metodologia *indiciária e inferencial*, entendida como uma metodologia de busca por *pistas* dentro de um conjunto provável de causalidades e que produz inferências sobre o fenômeno. As inferências são as lógicas internas de funcionamento do caso estudado, permitindo compreender quais regras implícitas estão em atuação para que o episódio comunicacional, de fato, aconteça.

Resumidamente, trata-se da sistematização dessas pistas (que não são universalizáveis nem rígidas) e da proposição inferencial sobre os códigos e as circularidades simbólicas. O cerne da análise é *a organização e a deliberação do comunicacional a partir de seus elementos constituintes*: quem ou quais são os agentes, os processos, as instituições, a promoção do delineamento dos dispositivos interacionais (delimitação do *corpus* empírico), o imaginário, o real percebido, as racionalidades locais (situação sócio-político-cultural) e, sobretudo, as transformações ocorridas.

No texto *O que é comunicação?*⁴, Braga apresenta três níveis de trabalho dos pesquisadores de Comunicação (que muitas vezes se confundem): o primeiro, epistemológico; o segundo, teórico-metodológico; o terceiro, tático. Segundo o autor, as pesquisas que buscam responder “o que é comunicação”, geralmente trabalham nesses três níveis, muitas vezes, seguindo essa sequência. Contudo, com base em sua própria trajetória acadêmica no mestrado e no doutorado, Braga propõe um caminho inverso, igualmente possível e bastante fecundo: a

⁴Texto que é a transcrição de uma das palestras da 6ª Aula Magna de Referência Interprogramas e abertura do Seminário Quinta Essencial, realizado em 2016. O texto parte do princípio da pergunta orientadora do Seminário, “O que é Comunicação?”.

partir das decisões táticas (que é propriamente o nível da abordagem material, do próprio escopo que escolhemos para desenvolvimento da nossa pesquisa) ir para o nível teórico-metodológico e depois epistemológico. “Eu tenho que partir do nível tático, fazer o esforço do desenvolvimento teórico-metodológico, e a partir daí chegar ao nível epistemológico” (Braga, 2016, p. 19).

Dessa maneira, podemos elaborar perguntas novas e inéditas. No fim das contas, para Braga, comunicação é aquilo que o senso comum diz que é: não precisa ser explicada. O verdadeiro desafio “é o de desenvolver (certamente com apoio no conhecimento disponível nas ciências sociais e na filosofia), uma verdadeira disciplina de conhecimento” (Braga, 2016, p. 19).

Posteriormente, ao entrar em contato com a obra de Oliver Sacks (2017), Braga propôs a reflexão de que a comunicação é também um processo de *invenção e desenvolvimento de códigos*. Ao se deparar com a situação-limite da surdez proposta por Sacks em *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*, uma das aferições de Braga é a de que ao encontrar um semelhante nas mesmas condições, os indivíduos “exercem, em conjunto, uma comunicação viabilizada apenas pela percepção, pelas habilidades motoras e pela necessidade compartilhada” (Braga, 2017, p. 49) e desse processo decorre um código para interagir. Assim, para Braga:

Diante de situações inusitadas, seres humanos em interação podem gerar códigos para rearticulação de seu comportamento. Estes, uma vez incorporados, passam a ser acionados de modo espontâneo em situações pertinentes – até que surjam novas situações, exigindo um refazimento ou uma complexificação. O trabalho inferencial, entretanto, é constante – não só para a geração e aquisição de códigos, mas continuamente, para o ajuste à especificidade dos episódios interacionais. (Braga, 2017, p. 54).

Ontologicamente, ao somar a noção de que a comunicação é tentativa (Braga, 2010b) e também um *processo*, o autor infere que ela se “exerce pelas linguagens já disponíveis no contexto cultural, mas também *gera* linguagens, quando não as encontra prontas.” (Braga, 2017, p. 38). Dessa maneira, uma das principais colaborações da obra de Oliver Sacks para Braga em seu hercúleo esforço de *desentranhamento* da comunicação, é justamente a compreensão de que a comunicação além de *gerar linguagens*, também as *transforma*. Essa ideia é apresentada em seu texto *Comunicação é aquilo que transforma linguagens*. (2010a). Tal proposição coaduna com uma de suas antigas hipóteses: a desconfiança de que a comunicação é anterior à linguagem. A questão da gênese comunicacional é muito

importante, pois permite propor que a comunicação é o fundamento — não é a linguagem que suporta a comunicação, mas, ao contrário, é esta que aciona a linguagem como um megadispositivo interacional.

Tendo explicitado a base do pensamento de José Luiz Braga, podemos agora apontar um possível roteiro de aprofundamento para a busca do especificamente comunicacional nas imagens. Em cada caso, em cada dispositivo interacional que uma imagem se apresenta, poderemos refletir sobre o que há de especificamente comunicacional. Além disso, ressaltaremos a importância de um alargamento do pensamento sobre a imagem; com isso acreditamos recuperar sua importância para a comunicação humana. Porém, essa recuperação não será possível com uma visão restrita do que há em uma imagem.

3 REPENSAR A IDEIA DE IMAGEM E SUA CONTRIBUIÇÃO EPISTEMOLÓGICA PARA COMUNICAÇÃO

Como nascem as imagens? Maria Mauad (2014), a partir de uma perspectiva não linear dos tempos históricos, propõe que elas nascem da prática social de representação e simbolização, pois surgem dos corpos que se projetam na imagem e das imagens que se animam nos corpos. Para Régis Debray⁵ (1993, p. 21) o nascimento da imagem está envolvido com a morte, com o desejo humano de perpetuar sua existência, mesmo que através da memória e contemplação do outro. Ao verificar rapidamente a presença das imagens na história, as honras fúnebres, as sepulturas, as catacumbas cristãs entre outras, o autor conclui que “a imagem arcaica jorra dos túmulos é por recusar o nada e para prolongar a vida”.

Esse processo de evocação de algo não presente ou continuação da ausência, perpetua-se até hoje na concepção do que é imagem. Desde a pré-história elas estão presentes como

⁵ Para Debray (1993) é um fato comprovado que desde há algumas dezenas de milhares de anos que as imagens fazem agir e reagir. Antes do ser humano ter desenvolvido seu próprio código linguístico, já realizava imagens e estabelecia um meio de relação informativa ou comunicativa por meio delas, embora esta tentativa de interação ou comunicação não fosse necessariamente destinada aos seus pares, mas sim às entidades sobrenaturais que acreditava existir por meio dos rituais e magia. Debray divide os lugares da imagem na história da seguinte maneira: entre a Cristandade e a Antiguidade floresce a época da logosfera, quando o tempo era cíclico. Este período estende-se da invenção da escrita à da imprensa. Neste período a imagem é vidente, sua fonte de autoridade é Deus, ela está ligada diretamente ao sobrenatural. Após a logosfera, Debray sinaliza a existência de uma grafosfera a era da arte, nascida na Itália (entre a cristandade e a modernidade). Sua época estende-se da imprensa à TV em cores (que para ele era muito mais pertinente do que a foto e o cinema). Até finalmente chegar à videosfera, a era do visual e precisamente a época em que vivemos. Nesta realidade atual, povoada pelas imagens, o regime visual desponta como simulação. A imagem é uma percepção. Por meio da máquina, ela se torna uma imagem performática cujo objetivo é a informação, o jogo. Sua deontologia é do ambiente por meio de uma gestão tecno-econômica.

reveladoras de “objetos de desejo” aos quais davam visibilidade com a intenção de propiciar sua conquista. De um lado, demonstra-se a necessidade da conservação da espécie, de sobrevivência; de outro, a necessidade simbólica da preservação e continuidade presente em toda história humana.

Georges Didi-Huberman (2012) afirma que é impossível falar de imagem e não falar de imaginação; para ele imagem é imaginação. A imagem é vista não como uma faculdade de desrealização, mas de realização. Para este autor, a imagem não é apenas um recorte do mundo visível, mas uma impressão, um rastro, um traço visual do tempo que quis tocar outros tempos. Veja a tese central do autor:

Não se pode falar do contato entre a imagem e o real sem falar de uma espécie de incêndio. Portanto, não se pode falar de imagens sem falar de cinzas. As imagens tomam parte do que os pobres mortais inventam para registrar seus tremores (de desejo e de temor) e suas próprias consumações. Portanto é absurdo, a partir de um ponto de vista antropológico, opor as imagens e as palavras, os livros de imagens e os livros a seco. Todos juntos formam, para cada um, um tesouro ou uma tumba da memória, seja esse tesouro um simples floco de neve ou essa memória esteja traçada sobre a areia antes que uma onda a dissolva. (Didi-Huberman, 2012, p. 210).

Ao tocar o real, por meio de fotografias, por exemplo, as imagens ardem, ou seja, inflamam-se, queimam e nos consomem por meio da inquietação, desejo, dor, destruição, memória, movimento etc. E deixam cinzas. Tais cinzas são as imagens e cabe a nós descobrir em que sentidos diferentes este “arder” se constitui hoje. É papel do pesquisador pensar não só nas imagens, mas em como chegaram a nós e as condições que impediram a sua destruição. Cada imagem está ancorada na cultura e não deve ser vista de forma dissociada.

Há muito mais em uma imagem: além do pensamento de quem a produziu (fotografia, pintura, desenho etc.) há também “o pensamento de todos aqueles que olharam pra essas figuras, todos esses espectadores que nelas, “incorporam” seus pensamentos, suas fantasias, seus delírios e até suas intervenções, por vezes, deliberadas” (Samain, 2012, p. 22). Toda imagem leva algo do objeto representado, mas não somente. Ela se relaciona com seu entorno e com quem a olha. As imagens têm autonomia e criam caminhos próprios; por isso, devemos pensá-las para além da representação. Ademais, as poéticas visuais refletem as percepções do contexto em que o sujeito está inserido e, dessa forma, não podem ser dissociadas do contexto em que foram produzidas nem do tempo presente em que são vistas. Não é possível deslocarmos uma imagem do sistema no qual está conectada. Veja o que Samain (2012) infere sobre isso:

A imagem, toda imagem, participa, com efeito, de um tempo que não pode se confundir com o tempo da nossa história. Além de se dissolver, misteriosa, num passado anacrônico, ela se movimenta e reaparece, transfigura, na elipse de uma história humana. Quanto ao seu destino? Verdadeiramente, jamais saberemos. (Samain, 2012, p. 34).

Seguindo a linha de raciocínio de Samain, cuja tese principal é de que as imagens pensam, ou seja, veiculam pensamentos, a imagem é um ente que tanto nos oferece algo pra pensar, quanto é, ela própria, portadora de pensamento. É uma forma que pensa, especialmente quando conectada a outras imagens independentemente de nós — autores ou espectadores. Ao combinar-se com um conjunto de dados sógnicos e ao se associar a outras imagens, ela seria uma forma que pensa. Teria uma “vida própria” e um verdadeiro “poder de ideação.” Isso ocorre porque a imagem não está deslocada do sistema ao qual pertence: esse sistema inclui desde de nosso cérebro até as traduções da técnica para sua produção, passando pelo contexto cultural, pela própria imagem de quem a fez, e, por fim, “aquele que a contempla, num tempo e num espaço histórico e a-histórico.” (Samain, 2012, p. 34).

Com raras exceções, os modelos teóricos apresentados aos estudantes de Comunicação sempre atribuíram à imagem um simples papel de ilustração ou representação. Algo que apenas dá suporte ao texto — este sim, o principal modo de comunicação. Nesse enquadramento, a comunicação é concebida pela geometria frontal, a oralidade, derivada desde o teatro grego até a TV. Sempre olhamos a imagem como algo à nossa frente, cujos signos precisam ser revelados. No entanto, é necessário questionar a comunicação como coisa, como materialidade, como existência “em si”. A imagem, principalmente a *imagem pensante* (Samain, 2012), nos provoca a problematizar a epistemologia da comunicação, dominada pela lógica verbalista, racional e sujeitocêntrica.

Ademais, há pouca biografia e escassa exploração heurística sobre *como* a imagem “pensa” e é pensada em ambientes digitais em que habita a pós-fotografia (Fontcuberta, 2016), e como as novas tecnologias móveis têm mudado nossa relação com as imagens. Sem dúvida, a imagem é um *actante* privilegiado da comunicação humana. “não o único, nem o principal, mas o fundador tecnológico que mediava, com a fala, a escrita, o cinema e o vídeo, o conhecimento e a representação humana de nossa realidade” (Samain, 2012, p. 17). Ainda, se pensarmos a Comunicação como disciplina básica tardia (Signates, 2018) a imagem deveria ser repensada em todo campo do conhecimento, uma vez que a comunicação está impregnada anteriormente em todas as áreas da atuação humana. Como propõe Etienne Samain:

Chegou o momento de reavaliar – serena e seriamente – a epistemologia da comunicação, ameaçada na dubitável matriz logocêntrica de nosso Ocidente. O verbal escrito instaurou-se como ordem epistemológica e fizemos tanto da fala quanto da escrita as crenças (pra não falar dogmas) e as alavancas de nossas faculdades de apreensão e inteligência. Não é somente possível como necessário livrar-nos dessa epistemologia da comunicação, que ignora, enquadra e reduz a indizibilidade e a riqueza polissêmica do sensorial humano. (Samain, 2012, p. 17).

Percebemos com essa fala de Samain que, ao excluir a imagem do processo comunicacional ou a reduzi-la a um signo menor do que ela de fato representa, promovemos uma análise não comunicacional. Agimos, assim, ignorando a riqueza dos vários sentidos humanos, tanto quanto de *seus elementos constituintes* e formantes. Como fazer inferências ricas e especificamente comunicacionais, se não a compreendemos de modo qualificado? É necessária uma abordagem crítica das imagens visuais: uma que pense sobre a agência da imagem, considere as práticas sociais e os efeitos de sua circulação e visualização e reflita sobre a especificidade dessa visualização por diversos públicos, incluindo o crítico acadêmico.

Gillian Rose (2001) propõe uma série de direcionamentos metodológicos para a interpretação de materiais visuais. Assim como propõe Braga (2016), ao sugerir que o epistemológico pode ser acessado a partir do tático, percebemos que os efeitos da imagem podem ser estudados em diferentes âmbitos. Eles não se limitam aos signos presentes na própria imagem; envolvem outros lugares importantes de apreensão.

Para esta autora, podemos (e devemos) estudar os materiais visuais a partir de diferentes portas de entrada, a saber: os locais de produção, o local da própria imagem, o local de sua circulação e o local de sua audição.

Em consonância com Braga (2016) e Gillian Rose (2001), Samain (2001), ao propor uma Epistemologia batesoniana da Comunicação (referente a Gregory Bateson⁶). Ao fazer isso, ele sugere um roteiro de aferições epistemológicas que consideram não somente uma parte isolada do caso, mas tendo o entendimento que todo conhecimento se insere num contexto mais amplo, que não deve ser desprezado:

A Epistemologia não é, desta maneira, uma ciência de que devemos esperar “definições” isoladas e pontuais das coisas que povoam nosso universo e, sim, uma ciência capaz de nos revelar com profundidade o que essas mesmas coisas hão de dizer delas mesmas em função das interações que entretêm umas com outras. Assim encarada, a Epistemologia deve ser, antes de mais nada, um “processo de aquisição e de estocagem da informação”, a partir do qual poderão se construir as “idéias” (e apenas “idéias”) que nós fazemos das coisas. (Samain, 2001, p. 7).

⁶ A leitura de Bateson, neste artigo, está sendo feita a partir de Etienne Samain.

Seguindo essa mesma linha, Bateson afirma que as epistemologias “locais” de um objeto ou área particular (inclusive a epistemologia da comunicação) fundamentam-se num trabalho prévio de observação da realidade concreta e sensível, não podendo chegar a ser consistentes fora do campo de uma investigação empírica. Assim como Braga, que não pretende delimitar ontologicamente a Comunicação, Bateson sustenta que, através das observações empíricas, não se pretende conhecer as coisas em si, uma tarefa impossível e até infrutífera, mas sim “permitir-nos estocar informações de diferenças existentes entre essas realidades observadas. Será a partir dessas informações de diferenças que se construirão e nascerão nossas ideias” (Samain, 2001, p. 11).

Algo muito importante das conclusões de Samain sobre o pensamento de Bateson é que a comunicação se encontra no coração da elaboração de toda e qualquer epistemologia. Quando Bateson procura “a estrutura que liga os seres vivos” ele está de fato prescrutando o que há de especificamente comunicacional.

Particularmente, quando tratamos as imagens, elas enriquecem nossa percepção para as investigações de como diversas imagens em suportes materiais, podem provocar “objetos mentais”, que são também imagens. Deveria, portanto, a imagem estar alheia à elaboração de uma epistemologia da Comunicação ou fora dos currículos das Teorias da Comunicação? É importante ressaltar que Samain (2001) não relativiza as “virtudes” da escrita em relação ao mundo das imagens. Além disso, o autor diz que não irá cair na tentação de pensar que a informática e as suas descobertas tecnológicas serão o futuro de uma epistemologia da comunicação. “Participarão dela? Sem dúvida alguma. Mas pensar poder desvincular essa recente maquinaria informática das ferramentas comunicacionais que a antecederam seria tão absurdo como falar de uma ‘comunicação verbal’ distinta de uma ‘comunicação não verbal’” (Samain, 2001, p. 13).

Voltando para a perspectiva de Etienne Samain sobre as imagens, sua leitura de Gregory Bateson contribuiu para que Samain (2012) pensasse a comunicação humana tanto como um fato cultural quanto como uma orquestração ritual, sensível e sensorial, sempre inserida num contexto. Em outras palavras, em um circuito de fenômenos conectados, ou nos termos de Braga: uma série de dispositivos interacionais que formam um circuito. Para exemplificar essa noção, Bateson oferece o exemplo imagético de um lenhador que corta uma

árvore, explicando que cada golpe de machado “será corrigido em função da forma do entalhe deixado sobre o tronco do golpe anterior”⁷.

Tal processo de autocorreção, que é também mental, é “determinado por um sistema global: árvore-olhos-cérebro-músculos-machado-golpe-árvore; é precisamente esse sistema global que possui as características do espírito imanente”⁸. Para Bateson, essas linhas que separam as coisas do seu ambiente são totalmente artificiais e fictícias. Dentro do exemplo proposto deveríamos falar em “(diferenças na árvore)-(diferenças na retina)-(diferenças nos músculos)-diferenças no movimento do machado)-(diferenças na árvore) etc.” Tendo proposto a imagem descrita, Bateson conclui que “O que é transmitido ao longo do circuito são transformações de diferenças e, como já foi dito antes, uma diferença que produz outra diferença é uma ideia, ou uma unidade de informação”⁹

O autor afirma, ainda, que é muito difícil para um ocidental processar esse tipo de operação comunicacional. Para ele, apenas existirá o homem cortando a árvore e pensará que o agente mais importante e único é ele mesmo [*self*], que realiza uma ação propositiva e determinada sobre um objeto específico. Isso pode ser explicado porque o modelo que dominou a história do pensamento filosófico e científico é o de Kant, em que se vê o pensamento (e aqui podemos incluir a imaginação) como representação e a comunicação como mediação. Como vimos, esse tipo de pensamento que dominou o Ocidente, empobrece todo fenômeno comunicacional, pois na representação impera a separação da imagem de todos os processos do qual faz parte. Já no plano diferencial proposto por Bateson e evidenciado por Samain (2012), podemos pensar em uma nova aliança entre comunicação e imagem. Quando, por exemplo, as imagens são consumidas e reavivadas pela memória, pela fala e/ou pela articulação com outras imagens, trata-se da operação epistemológica das imagens pensantes sobre as fotografias. O que essas proposições de fato evidenciam é como as imagens podem reger nosso pensamento (e vice-versa), dando assim mais relevo à matriz comunicacional presente nas imagens.

Propõe-se, portanto, não limitar a imagem à forma, conforme operaram as teorias das formas — a Gestalt e as teorias de Rudolf Arnheim — nem as teorias e trabalhos sobre os signos visuais — propostos por Winfried Nöth e Lúcia Santaella. Tampouco na constituição de uma retórica da imagem — um tratado do signo visual — ou seguindo a proposta de Jean-

⁷ (Bateson, p. 317–318 *apud* Samain, 2012, p. 27).

⁸ *Ibid.* op. cit.

⁹ *Ibid.* op. cit.

Marie Floch em que as imagens são tratadas como formas de impressão (formas significantes), sistemas de relações de uma foto, texto, formas de inscrição, etc.

Em contrapartida, a proposta é pensar a imagem como Deleuze: confrontar a imagem com o tempo, tomando o tempo como movimento “na” e “dentro” da imagem. Concluimos que a imagem deve ser vista como um lugar de articulações e conflitos, cruzamentos de sociedades, momentos históricos, técnicas, objetos de representação e olhares. A imagem enquanto princípio da Comunicação, por ser um ato fundamentalmente mental, ainda é pouco explorada. Talvez porque precisaremos muito da Neurociência para tal apreensão, conforme fez Ciro Marcondes Filho em sua *Nova Teoria da Comunicação*. Porém, correndo o risco de enclausurarmos a comunicação a um fenômeno extremamente raro, coadunamos com José Luiz Braga e propomos que o *devir* pode nos trazer o que *também* é comunicação e desta maneira não podemos enclausurá-la.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BONI, Paulo César. (Org.) Fotografia: usos, repercussões e reflexões. In: **O ensino da fotografia com auxílio de recursos audiovisuais**. Londrina: Midiografia, 2014. p.114 – 134.

BRAGA, José Luiz. Comunicação é aquilo que transforma linguagens. **Revista Alceu**, v. 10, n. 20, p.41-54, 2010a.

BRAGA, José Luiz. Comunicação Gerativa: um diálogo com Oliver Sacks. **Revista MATRIZES**, v. 11, n. 2, p. 35-55, 2017.

BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da Comunicação. **Revista Verso e Reverso**, v. 25, n. 58, p.62-77. 2011.

BRAGA, José Luiz. Nem rara, nem ausente – tentativa. **Revista Matrizes**, 4(1):65-81. 2010b.

BRAGA, José Luiz. O que é comunicação?. **LÍBERO**, São Paulo, v. 19, n. 38, p. 15-20, jul./dez. de 2016. Disponível em: https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2017/04/Casper-38_JoseBraga.pdf

DEBRAY, Régis. *Vida e Morte da Imagem*. Uma história do olhar no ocidente. Petrópolis: Vozes, 1993.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34. 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tocam o real**. Revista Pós: Belo Horizonte, v.2, n.4, p. 204-219, nov. 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

FONTCUBERTA, Joan. **La furia de las imágenes: notas sobre la postfotografía**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2016.

HALÉVY, Marc. **A era do conhecimento: princípios e reflexões sobre a revolução noéticano século XXI**. São Paulo: Unesp, 2010.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2018.

LÈVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo. Ed. 34, 1999.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Fascinação e Miséria da Comunicação na Cibercultura**. Porto Alegre: Editora Sulina. 2012.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O rosto e a máquina: O fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humano, medial e tecnológico (Nova Teoria da Comunicação – Volume I)**. São Paulo: Paulus, 2013.

MAUAD, Ana Maria. Como nascem as imagens? Um estudo de história visual. *História: Questões & Debates*, v. 61, n. 2, 2014

MARTINO, Luiz C. A ilusão Teórica no Campo da Comunicação. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº 36, agosto de 2008, quadrimestral. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/703068/mod_resource/content/1/Martino.pdf

ROSE, Gillian. **Visual Methodologies**. Londres: Sage Publications, 2001.

SAMAIN, Etienne (org.). **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

SAMAIN, Etienne. Gregory Bateson: rumo a uma epistemologia da comunicação. **Ciberlegenda**. Edição Especial nº 5. Niterói-RJ: Universidade Federal Fluminense, 2001.

SIGNATES, Luiz. A comunicação como ciência básica tardia: uma hipótese para o debate. In: **E-Compós**. 2018.

SIGNATES, Luiz. Da exogenia aos dispositivos: roteiro para uma teorização autônoma da comunicação. **Líbero**, n. 36, p. 143-152, 2016.

YAMAMOTO, Eduardo. Desentranhar o comunicacional: a comunicação segundo José Luiz Braga. **Questões Transversais**, v. 1, n. 2, p. 100-106, jul-dez/2013.